



O MARECHAL JOSÉ PESSÔA

A. Lyra Tavares

ELE COMANDAVA, EDUCANDO

Está na síntese desses dois verbos o traço mais vivo e marcante do perfil militar do grande Chefe que foi o Marechal José Pessoa Cavalcante de Albuquerque, nascido na Paraíba em 12 de setembro de 1885, uma data a ser lembrada pelo Exército, por inserir-se no seu calendário cívico, nas comemorações do seu centenário.

Basta recordar o sonho mais alto e ambicioso que ele realizou, sem vacilar nos grandes obstácu-

los: A Academia Militar das Agulhas Negras.

Ela está presente, bem presente, por isso, como verdadeiro monumento, para exaltar-lhe a memória, diante da obra implantada em Resende, para constituir aquele grande viveiro, que acolhe, anualmente, por cuidadosa seleção, uma nova turma de jovens, provindos de todos os recantos do Brasil e de todas as classes do povo, para forjar, desde as raízes, no espírito, no moral e no físico dos cadetes, como futuros oficiais, o verdadeiro arcabouço da grandeza de nosso Exército.

Era um Chefe que comandava pelo exemplo, irradiando a cente-

lha do civismo que aprendera a cultivar ao longo da vida, como soldado e cidadão, pertencente a uma ilustre estirpe de que muito se orgulha a mesma terra paraibana de Vidal de Negreiros, o grande Chefe que, ainda nos tempos do Brasil colonial, derrotou o invasor holandês e assinou, em nome dos pernambucanos vencedores, a ata da rendição, no campo de batalha da Campina de Taborda, em 26 de fevereiro de 1654, juntamente com o Mestre de Campo Geral e representantes do Exército holandês.

Relembro esse episódio histórico por ter sido assunto das conversas que mantive com o inesquecível General José Pessôa, a respeito das glórias militares da nossa Paraíba. Essas evocações lhe traziam, à flor da pele, o entusiasmo da alma do soldado, sempre vibrante no patriotismo que o levou a trilhar a carreira das armas por lídima vocação.

Ele era, na verdade e por natureza, um chefe militar. Sabia empolgar os seus comandados pela firmeza das convicções e das atitudes, o apuro do uniforme, o timbre de voz, ao mesmo tempo forte, enérgica, persuasiva e conselheiral, como é próprio dos que falam com a consciência da responsabilidade e com segura convicção, próprios do estilo de um Chefe Militar que conhece o seu dever de comandar, educando.

Esse estilo do Marechal José Pessôa, que sabia conquistar a solidariedade e a compreensão dos seus comandados, vinha da sua formação, como verdadeiro solda-

do profissional, desde a Escola Militar Prática do Realengo, onde iniciou a sua formação, no período politicamente conturbado em que o regime republicano ainda periclitava.

A Escola Militar da Praia Vermelha, ao contrário da Prática, onde se formou o General José Pessôa, era mais afeita aos estudos filosóficos e doutrinários, inspirados no Positivismo de Comte e na liderança espiritual, ainda muito viva, do grande mestre Benjamin Constant.

Naquelas difíceis circunstâncias, foi decisivo, para a defesa das instituições republicanas e para a disciplina do Exército, o papel desempenhado pela Escola Preparatória e de Tática do Realengo, onde o General José Pessôa iniciava a sua formação.

O Governo debelara a chamada "Revolta da Vacina Obrigatória", em que a Escola Militar da Praia Vermelha, dirigida pelo General Silvestre Travassos e animada pela ação política do Senador Lauro Sodré, Tenente-Coronel do Exército, pretendia marchar contra o Palácio do Catete, pela Rua da Passagem.

Depois de abortada a rebelião, graças à firmeza do Presidente Rodrigues Alves, a Escola Militar do Realengo também foi cenário de uma tentativa de revolta, tramada pelo Major Gomes de Castro e o Capitão Antônio Augusto Mendes de Moraes, que não logravam abalar-lhe a disciplina.

Para superar uma crise tão difícil, que punha em jogo a consolidação do regime, surgiu a figura

do então General Hermes da Fonseca, cuja ação de chefe militar assegurou ao Governo o controle da situação.

Foi nesse quadro politicamente agitado, que turbou, em 1903 e 1904, a disciplina militar e a ordem política e social, que se revelou, impondo-se à administração do País a figura impoluta do General Hermes Rodrigues da Fonseca, partidário intransigente da profissionalização do Exército, cujos destinos iria dirigir, mais tarde, como seu Ministro. Ele tomou a iniciativa de programar, para esse fim, a instrução dos quartéis, coroadando-a com as grandes manobras militares, com que se inaugurava um período novo e auspicioso na carreira de oficial combatente, prejudicada com a inação e a política partidária, que tendiam a obscurecer o espírito militar, com que havíamos lutado no Paraguai.

A RENOVAÇÃO DO EXÉRCITO

Tudo começou a mudar no Exército, a partir das manobras de 1905 e 1906, no Curato de Santa Cruz, com a presença do Presidente Afonso Pena. E a formação militar do Marechal José Pessoa foi fruto dessa grande mudança, que lhe moldaria, para sempre, o espírito do soldado, na linha da vocação que ele trouxera da Paraíba, com 17 anos de idade.

Veio a reorganização do Exército, em novembro de 1906, empreendida, como Ministro, pelo Marechal Hermes. E se seguiram, sob a sua orientação, as grandes refor-

mas estruturais, sobretudo a nova lei do Serviço Militar Obrigatório, a aquisição de armamento moderno e a construção dos quartéis. Com o Sorteio Militar, instituído por Lei de 4 de janeiro de 1908, a organização do Exército adquiriu o sentido eminente democrático e profissional.

Criou-se, com tudo isso, uma nova mentalidade, na tropa e nas escolas, sob a liderança do Marechal Hermes, que tinha as vistas voltadas para os grandes Exércitos da Europa, por ele visitada em 1908, lá voltando, já como Presidente, em março de 1910, para as grandes manobras do Imperador Guilherme II, como seu convidado especial.

A maratona cívica da pregação do Serviço Militar Obrigatório, empreendida e inflamada pelo verbo magistral de Olavo Bilac, teve o seu ponto alto no triunfal acolhimento que lhe deram os estudantes da Faculdade de Direito de São Paulo. Era, então, o seu instrutor militar o Tenente José Pessoa, cujo ardor patriótico logrou organizar um Batalhão Acadêmico, naquele justo momento em que as atenções do Brasil se voltavam para a Europa, então sob a ameaça de uma guerra, que despertava o interesse e o entusiasmo da juventude pela nossa defesa nacional.

O preparo profissional do nosso Exército, impulsionado pelo Marechal Hermes, teria que inspirar-se na experiência dos grandes Exércitos europeus, através do aperfeiçoamento de oficiais cuidadosamente selecionados para cursarem as suas escolas e estagiarem nas

suas Unidades de Tropa. E o Tenente José Pessoa figurou, então, pelo conceito que adquirira, para um estágio na França, tanto na Academia Militar de Saint-Cyr, como no 503º Regimento de Cavalaria; unidade de elite do Exército Francês, além de cursar a Escola de Carros e Combate de Versalhes.

Foi quando, deflagrada a Guerra e declarada a nossa aliança contra a Alemanha, o Tenente José Pessoa teve o seu batismo de fogo, por sinal numa Unidade que então surgia, equipada com carros de assalto, como engenho destinado a transformar, com os progressos da indústria militar, a concepção das operações terrestres, por essas poderosas máquinas como "o fogo em movimento".

Ele próprio, o Tenente José Pessoa, já condecorado com a Cruz de Combate da Guerra Européia, traria para o Brasil os ensinamentos que colhera, sobretudo com a experiência que o levava a lançar em livro, sob o título de *O tank na Guerra Européia*, o movimento precursor do novo engenho, que iria influenciar, pelos estudos e polêmicas, então suscitados, a nossa preparação para a guerra.

Esses episódios iniciais da formação moral e profissional de uma tão marcante figura de Chefe Militar explicam o que ele seria depois, a partir do posto de Capitão, o estágio decisivo em que se afirma e do qual se projeta o General de amanhã.

Foi o que se revelou, a partir do seu brilhante e modelar comando na Companhia de Carros de Assal-

to, no período conturbado pelas agitações políticas de 1922, a despeito das quais manteve inalterável a linha de conduta do cadete e do combatente, pondo em destaque a sua Companhia, como chefe responsável, tanto pela eficiência da Unidade, como pela conduta dos seus homens, que ele sempre comandou, educando, obediente à sábia sentença de De Bonald: "A razão é a primeira autoridade; a autoridade é a última razão."

A ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS

Tudo isso, dito em resumo, sobre a grande vida militar do Marechal José Pessoa, a ser, toda ela, recordada por ocasião do centenário do seu nascimento, vem a propósito apenas para explicar que a têmpera moral, o senso do dever militar e as virtudes do educador, por ele exercitados, desde o início da sua formação, com a fibra e a vocação de um verdadeiro soldado profissional, teriam de concorrer, através de uma vida coerente e digna, para predestiná-lo a ser o grande realizador da nossa Academia Militar, que foi o seu grande sonho e a sua mais fecunda realização.

Dentro dela, foi que ele modelou a figura do novo cadete, educado para ser Chefe responsável, no espírito da dignidade pessoal de quem se destina a servir de exemplo, impondo-se ao respeito dos subordinados, instruindo-os na compreensão do dever e pondo, acima de tudo, a conduta moral, de modo a mostrar-lhes que comandar é, antes de tudo, educar.

Bem sabia ele, por experiência própria, que o padrão da oficialidade do Exército depende, basicamente, do padrão dos seus cadetes. E esse foi o seu pensamento diretor na obra da construção material e espiritual da Academia Militar das Agulhas Negras, o monu-

mento que imortalizou o seu grande sonho de fazer dela uma espécie de santuário para o culto do Exército ao seu Patrono, através das gerações, tendo como símbolo o Cadete de Caxias, portador e guarda legítimo do Sabre de Caxias.



Gen Ex Aurelio de Lyra Tavares serviu no Estado-Maior das Forças Armadas sob a chefia do General Mascarenhas de Moraes. Comandou o IV Exército e a Escola Superior de Guerra. Ministro do Exército no Governo Costa e Silva. Foi Embaixador do Brasil na França de 1970 a 1974. É membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; Sócio Benemérito do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil. Sócio do Instituto Histórico do Ceará e do Pen Clube. É membro da Academia Brasileira de Letras.